

A vida manca: razão e gênese do degenerado na literatura

The limp life: reason and genesis of the degenerate in the literature

Luiz Augusto Contador Borges

Universidade de São Paulo, São Paulo / Brasil

borgesmenor@yahoo.com.br

Resumo: Este é um estudo sobre as disposições do mal na literatura, tomando como base a ideia de Georges Bataille segundo a qual essa tendência se impõe como valor soberano. De certo modo, tal movimento inverte o paradigma plotiniano do bem como princípio gerador, cujo desvio, nos termos do filósofo, conduz a uma “vida manca”, e, no extremo, degenerada. O degenerado, por sua vez, responde pela vontade de excesso e de dispêndio no homem.

Palavras-chave: literatura; mal; degenerado.

Abstract: This is a study of the provisions of evil in literature, based on the idea of Georges Bataille that this tendency is imposed as a sovereign value. In a way, this movement reverses the Plotinian paradigm of good as a generative principle, a deviation of which, in the philosopher’s terms, leads to a “limp life”, and, in the extreme, degenerate. The degenerate, in turn, answer for the will of excess and expenditure in man.

Keywords: literature; evil; degenerate.

Recebido em: 1 de dezembro de 2016.

Aprovado em: 23 de março de 2017.

A problemática do mal em Bataille diz respeito à essencialidade mesma da literatura, o que, afinal, lhe confere sentido (ou mesmo não-sentido). É que para ele a literatura “é o essencial, ou não é nada”.¹ E se essa essencialidade se acha vinculada ao mal é porque, sem atormentar o bem e a virtude (como acontece em Sade), ou santificar o mal por desejá-lo como bem (como se dá em Genet),² a literatura torna-se insípida, destituída de interesse. Para Bataille isso já está dado na infância, quando as disposições do indivíduo se mostram soberanas, na recusa de tudo aquilo que, por meio do cálculo e da razão normativa, pretende regular o desejo e o dispêndio. Assim, a literatura deve confessar sua culpa, já que é “a infância enfim reencontrada”.³ Há dois fins primordiais que a humanidade persegue, a rigor inconciliáveis: o primeiro, ligado à ideia do bem e da moral, é a conservação da vida a todo custo; o segundo, que Bataille associa ao mal e à hipermoral, é o aumento de sua intensidade: “a aprovação da vida até na morte”.⁴ Perseverando em favor do segundo, a literatura se realiza como atividade inoperante no extremo do possível e do perigo, levando, não raras vezes, o homem à ruína. É que este vive em tempo descontínuo sob um princípio de insuficiência (a razão da descontinuidade). Daí o corpo e a subjetividade mergulharem nas experiências de excesso “à procura de um ápice”,⁵ como diz Bataille. Tal movimento não se faz sem uma arregimentação das forças heterogêneas que desviam o indivíduo das atividades produtivas, presididas pela razão homogênea. É assim que essas manifestações do corpo, de sua “parte maldita”, evidenciam-se nas experiências do excesso, como no erotismo, no sacrifício, no êxtase e na morte violenta (para ficar nas principais). Decorre disso toda a literatura de Sade, um dos autores sintomáticos desse processo, cuja obra se faz sob o signo do excesso e da vontade de dispêndio. Em Sade, a grande soma de energia gasta nos excessos de libertinagem evidencia a essencialidade do mal, isto é, não apenas a sujeição dos personagens virtuosos ao poder dos senhores libertinos, mas também a destruição dos primeiros pelos últimos. É nesse sentido que Sade sintetiza uma tendência do demasiado humano, para utilizar

¹ BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 9.

² BATAILLE. *La littérature et le mal*, p. 289.

³ BATAILLE. *A literatura e o mal*, p. 9-10.

⁴ BATAILLE. *L'Érotisme*, p. 17, tradução nossa.

⁵ BATAILLE. *L'Expérience intérieure*, tradução nossa.

a expressão de Nietzsche, que é a do desvio do trabalho produtivo para finalidades inoperantes nas quais se pratica o mal contra as vítimas. Estas, em Sade, são facilmente reconhecidas como seres sensíveis e virtuosos representantes da moral e da religião, enfim, de todas as instituições que de algum modo se colocam a serviço do Bem.

Este ideal, por certo, remonta aos gregos, e certamente a Platão, como seu grande sistematizador. Que se recorra, aqui, no entanto, a outro pensador não distante do pensamento platônico, podendo ser considerado um de seus principais seguidores: Plotino. Tal recorrência se deve ao fato de que em Plotino as relações entre os seres também se produzem por excesso, mas de um ponto de vista diametralmente oposto ao de Sade. Encontra-se em Plotino a ideia do Uno como princípio gerador. Sua característica principal é gerar a si mesmo e, de sua exuberância, tudo o que vem depois. Portanto, ele gera excedendo o limite em geral. A definição plotiniana do Uno:

Que é propriamente? Potência de todos os seres a qual, se não existisse, não existiriam nem a totalidade dos seres e nem mesmo o Espírito – vida primeira e total. Mas, o que está acima da vida é causa da vida: já que não é a atividade da vida – isto é, a totalidade dos seres – que é em primeiro lugar, mas ela é exatamente como se brotasse de uma fonte. Pensa, com efeito, em uma fonte que não tenha outro princípio senão a si mesma e que, no entanto, de si mesma dê a todos os rios sem nunca deixar-se esgotar, mas em si permaneça tranquilamente; pensa ainda nos rios que dela nascem, os quais, antes de correr separados daqui e dali, por um trecho ainda estão juntos; mas cada um sabe, por assim dizer, por onde se derramarão as suas correntes.⁶

Na figura plotiniana, os rios são formados pela fonte, os quais, aos poucos, afastam-se dela guardando, no entanto, o vínculo principal, o sentido de continuidade. Deste modo, o Uno mantém, numa relação de continuidade, as coisas que gera; tal o efeito de sua potência no plano dos seres. É nesse sentido que ele é potência ativa.

O Uno identifica-se ao primeiro e supremo Bem. “Permanecendo imóvel, ele é o princípio e a fonte de todos os atos naturais”. Assim,

⁶ PLOTIN. *Enéadas*, III, 8, 10, citado por REALE. *História da filosofia antiga*: v. IV, p.454-455.

“para cada ser, o bem é uma vida que está em conformidade com seu ato natural”.⁷ Em sendo o Bem o perfeito Uno, por que também não seria, pergunta Plotino, o princípio de tudo? Ora, “se devem existir coisas diversas dele, então elas dependem dele para seu ser, pois não há outro princípio que as possa gerar”.⁸ No entanto, nem todo ser gerado é bom. Por vezes, ele se desvirtua, pois, explica Plotino, “não cumpre direito aquilo que lhe é próprio fazer”. O desvio é figurado pelo filósofo no exemplo seguinte: “no malévolos, a vida é manca – ela é como o olho que tem a vista turva”.⁹

A propósito, o olho “malévolo”, de “vista turva”, é imagem recorrente na obra de Bataille desde seu romance de estréia, *A história do olho*, assinado por um pseudônimo.¹⁰ Bataille fala de um olhar enraizado no mal, que só pode reproduzir o que há de mais terrível na vida: não há salvação para o homem: o “primeiro Bem gerador” de que fala Plotino¹¹ não existe e em seu lugar não há senão súplica no vazio, noite escura, subordinação à ignorância da chance de uma existência sem sentido. Daí a vontade de excesso e de gasto como resposta soberana do corpo, o qual, sem finalidade e sem salvação, excede limites e, na experiência, se consuma. Por isso, há em Bataille “um desejo tenaz de *ver* com olhos *revirados*, como os cegos”.¹² Quem olha deste modo não *vê*. É um olhar espanado, voltado para dentro, perdido na própria consumação. Para o mundo da razão homogênea, do trabalho e do controle do gasto, trata-se do olhar que caracteriza o malévolos e predispõe ao mal. Há nisso o reconhecimento de que o ser gerado traz em si mesmo a marca de um desvio com relação ao Bem. O olhar turvo perde o Um, tornando-se um atributo do ser gerado que se repete indefinidamente. Assim, por efeito

⁷ PLOTIN. *Ennéades*, p. 109, tradução nossa.

⁸ PLOTIN. *Ennéades*, p. 109, tradução nossa.

⁹ PLOTIN. *Ennéades*, p. 109, tradução nossa.

¹⁰ O dado é significativo levando-se em conta a explicação do próprio Bataille a respeito deste pseudônimo, “Lord Auch”, expressão combinatória da corruptela “Auch”, de *chier* (cagar), aludindo ao modo como um amigo se exprime: “aux chiottes”, e da palavra “Lord” (Deus), que Bataille recontextualiza como “Deus aliviando-se”. Ver BATAILLE. *Le Petit*, p. 59-60. A imagem também recorre à figura paterna, cega e sífilítica, conotando, perversamente, o sentido de um princípio criador (o pai ou deus) defeituoso. Tradução e comentário do autor.

¹¹ PLOTINO. *Tratado das Enéadas*, p. 56-57.

¹² SASSO. *Georges Bataille: le système du non-savoir*, p. 63, tradução nossa.

de derivação hipostática, o ser gerado de Plotino não implica aqui a perfeição do Bem original. A vida que o anima é manca. É esse caráter irreversível que ela lega como simulacro às futuras gerações: a repetição é a marca dessa vida manca e seu defeito congênito, a essência do ser degenerado. Potência ativa no mundo dos seres e na linguagem, essa vida faz proliferar os efeitos danosos do mal em todas as relações que estabelece. Sua sorte não pode ser outra, e afirma, enquanto potência ativa, tudo aquilo que o mundo da razão e do trabalho renega: a desmedida, a transgressão, a ganância, a consumação cega, o azar, a ruína, a morte, enfim, os efeitos que a atualização da potência do excesso desencadeia no domínio do degenerado.

Para Bataille, o mal designa aquilo que o mundo homogêneo entende como excesso, condenando a inoperância por levar ao dispêndio desenfreado e à consumação de si. Desse modo, o ato desviante fatalmente transgride e torna culpado o sujeito da transgressão. Não por acaso é esta a tônica do cristianismo: afirmar o interdito e condenar a transgressão: *Felix culpa!* Nessa perspectiva, toda conduta desviante das prerrogativas do mundo homogêneo assentado sobre o fundamento do Bem gerador (o trabalho, a produção, os discursos, os saberes), persevera no mal. Talvez se possa, como os geólogos, denominar *extremófilo*¹³ ao indivíduo que vive no excesso, enfatizando a *philia* no sentido da intimidade. Nesse sentido, *extremofilia* é a condição dos que vivem nos extremos, portanto, fora do mundo homogêneo, do trabalho e da razão, propensos a uma vida manca: o extremófilo age qualificando a vontade de excesso como um mal que ameaça a razão homogênea. No universo de Bataille, personagens como Simone, Dirty, Madame Edwarda, são extremófilos, bem como todos os grandes libertinos de Sade. Por essa razão, segundo Bataille, a literatura está definitivamente ligada ao mal e por isso mesmo é culpada na perspectiva do mundo homogêneo, levando o sujeito à má sorte e à ruína. O emblema do sujeito fendido é, como se viu, a ferida ou a fenda, *fêlure*, caracterizada na cultura como angústia, e sua reação desesperada é o riso. A angústia é um sentimento de perda do homogêneo, implicando a do sujeito, ao mesmo tempo que desencadeia a experiência na qual o

¹³ Em geologia e também na biologia os seres extremófilos são aqueles que vivem em condições excepcionais nas religiões limítrofes com o centro da terra. Ver mais em: CASA DA CIÊNCIA DO HEMOCENTRO DE RIBEIRÃO PRETO. Extremófilos: vivendo no limite, p. 2-3.

corpo se afirma, pelo excesso, como consumação de si: é o que Bataille denomina “experiência interior” ou “experiência extática”.¹⁴ O signo que melhor a exprime é o olhar revirado do sujeito em êxtase, emblema de morte da consciência e de afirmação do corpo em excesso.

Desse modo, as condutas heterogêneas representadas pela vida manca reiteram a soberania do degenerado, contrariando a ideia do Bem como princípio gerador. Vinculado à potência do excesso, o extremófilo conduz sua existência sob o signo da destruição, não só nas relações em que causa dano à vida alheia, como em Sade, mas também à própria, em conduta pela qual via de regra conclui-se na consumação de si. A extremofilia pode ser entendida como a condição daquele que persevera pela vontade de excesso e pela afirmação da chance (dois termos caros a Bataille), nas experiências em que decorre grande perda de energia. É nesse sentido também que, em relação a Plotino, o homem da experiência (do erotismo, da violência, do sacrifício, do êxtase) é um degenerado.

Ao ressaltar o que há de *menos* na existência e o que há de *falta* no ser, a angústia força os limites da vida em direção ao *mais*, ao impossível. No entanto, em se tratando do impossível, os termos “direção” e “mais”, denotando sentido e quantificação só referem o impossível na dobra do discurso, portanto, no campo da possibilidade, onde ele não se encontra. Pura exterioridade, excesso de sentido e não quantificável, seu movimento, certamente, não se apreende. O impossível é, em Bataille, domínio sem dono, sem configuração nem gênero: questão inabordável, mas também incontornável.

Em Bataille, a chance é vontade de excesso dispondo os corpos na experiência, levando-os à consumação de si. Vontade de excesso não é um querer constituído como força ativa, é, antes, manifestação do princípio gerador como disposição imanente do corpo.

Como se dá a relação entre os seres gerados e o excesso gerador? Recorde-se a afirmação de Bataille, segundo a qual “a história da vida sobre a terra é *principalmente*¹⁵ o efeito de uma louca exuberância”.¹⁶ É a natureza do excesso. Daí o efeito de “louca exuberância” daquilo que, em relação à potência do excesso, exuberava, ou seja, é gerado como *exuber*; portanto, que sai de dentro da terra, o fecundo, superabundante. No

¹⁴ BATAILLE. L'Expérience intérieure, p. 24, tradução nossa.

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ BATAILLE. La Part maudite, p. 39-40, tradução nossa.

excesso, a força supera um limite, condição de toda superabundância. A consequência econômica, mas também ontológica do movimento excessivo da potência geradora é o gasto, a perda, a morte. Em Bataille, o que é gerado no excesso desencadeia as operações do gasto no mundo dos seres e da linguagem.

No homem, ser consciente de sua descontinuidade, a morte limita a vida, mas também representa superação para aquele que está diante do intolerável trazido à tona pela experiência. A morte não deixa de ser, individualmente, afirmação do princípio gerador na descontinuidade, a qual se evidencia como condição do que é gerado. Na perspectiva do gasto é o que caracteriza o ato e manifesta a vontade de excesso nos seres. O ser gerado não possui as qualidades da auto-suficiência e da superabundância, características do princípio gerador. Por isso, no homem, a exigência de excesso e a vontade de chance estão ligadas ao princípio da perda e da consumação de si. Sujeito à degenerescência, à ruína e à morte, condição de tudo o que existe, o ser descontínuo só conhece o sentido da continuidade nas experiências heterogêneas do excesso. É por essa “sem razão” que, para Bataille, a experiência é *sensibilia*, e não *sapientia*; em suma: são os sentidos que contam, exigindo do corpo sempre *mais*. Excesso é vontade de potência e esta, como diz Klossowski, “não poderia deixar de querer sempre *mais potência*”.¹⁷ E ela o faz sempre prescrevendo um objetivo, como ocorre no mundo homogêneo: “quando ela transgredir um, precisa de outro, até que todos *os objetivos imagináveis tenham sido atingidos*”.¹⁸ Ora, o objetivo diz respeito à própria exigência de atualização da potência no mundo dos seres e da linguagem, dando aos seres a ocasião do arrebatamento da chance. Não é outro o caráter daquilo que a potência dispõe na relação com o ato. No entanto, assevera Klossowski:

[...] o fato de que nenhum equilíbrio possa se manter para sempre prova que nenhum objetivo alcançado poderia representar a absorção da massa total da energia: uma desproporção entre objetivo e o meio para atingi-lo exige que haja, desta forma, uma ruptura constante de equilíbrio. A energia ultrapassa sempre o objetivo.¹⁹

¹⁷ KLOSSOWSKI. *Nietzsche e o círculo vicioso*, p. 138.

¹⁸ KLOSSOWSKI. *Nietzsche e o círculo vicioso*, p. 138.

¹⁹ KLOSSOWSKI. *Nietzsche e o círculo vicioso*, p. 138.

É essa ultrapassagem que, rompendo o equilíbrio, representa para Bataille o movimento da transgressão. Se a energia ultrapassa o objetivo deste modo é porque ela gera um excedente que não corresponde ao objetivo, desequilibrando a estrutura do mundo homogêneo. Eis porque o interdito é uma medida de controle, não propriamente do acontecimento que a transgressão assinala, mas do *quanta* de energia que ela libera. Neste aspecto, a transgressão é um movimento fora de controle. “Se a *energia ultrapassa* sempre o *objetivo*, é porque este nunca é a *própria energia*”.²⁰ Nos termos de Bataille: a transgressão, animada pela vontade de potência, excede por isso mesmo todo objetivo. Excede porque transgressão (gesto) e interdição (norma) são de natureza distinta, sendo este o motivo pelo qual jamais se encontram. “A transgressão não é negação do interdito, mas aquilo que o ultrapassa e o completa”.²¹

No mundo homogêneo, o limite se inscreve como signo de interdição e é este signo que está na base da transgressão. O que está em jogo nessas operações são a vontade de excesso e o desejo de continuidade. Levados pelo princípio que se encontra na base de ambos, os corpos que se relacionam no erotismo, no sacrifício, no estupro, no assassinato, no linchamento e em outras formas de violência, colocam-se na via da transgressão: “o coito é a paródia do crime”.²² Isso porque, no excesso, as condutas heterogêneas da experiência se comunicam entre si e se equivalem, seja na relação entre os corpos, seja na relação com os signos.

Por outro lado, o ser vive sob o princípio de insuficiência,²³ e, inoperante, se consoma na experiência pela vontade de excesso. A correlação reforça o caráter heterogêneo do degenerado, o qual, pela vontade de excesso, expõe-se ao movimento da chance, podendo ser excedido por ela, e arruinar-se. É a condição do degenerado no mundo homogêneo da razão e do trabalho.

Ora, só o que é superabundante e auto-suficiente pode gastar sem perdas, tal o princípio gerador. Este gera, além de si mesmo, indefinidamente, para além do limite de seu próprio crescimento; sem os mesmos atributos, o ser gerado consoma-se em pura perda. Quanto mais

²⁰ KLOSSOWSKI. *Nietzsche e o círculo vicioso*, p. 138.

²¹ BATAILLE. *L'Érotisme*, p. 66, tradução nossa.

²² BATAILLE. *L'Anus solaire*, p. 81, tradução nossa.

²³ BATAILLE. *L'Érotisme*, p. 28, tradução nossa.

esta operação se desvincula do sistema produtivo do mundo homogêneo, mais ela se torna soberana do ponto de vista do gasto e da consumação de si. O soberano é o improdutivo cujo corpo vive em excesso. Recorde-se, aqui, a frase do marquês de Sade, a qual Bataille toma por divisa e que soa como uma máxima: “Não existe melhor meio de se familiarizar com a morte que o de ligá-la a uma ideia libertina”.²⁴ Aprovar a vida, na experiência erótica, implica acolher as exigências do excesso até na morte. É o ponto em que o excesso encontra o limite, pois aquele que sinaliza sua intensidade máxima, donde o sentimento de continuidade; esta se reitera em experiências análogas, multiplica-se e mantém-se por mais tempo numa cadeia de excessos, cujos efeitos em geral são danosos. No enunciado de Bataille: “O erotismo é a aprovação da vida até na morte”,²⁵ o termo inclusivo complementa o sentido do excesso, ligando-o ao intolerável da superação. O impossível é o passo além, quando não há mais volta, e nenhuma possibilidade de entendimento: nesse ponto da consumação de si, ponto extremo da vida manca, o pensamento se extingue e com ele toda possibilidade de linguagem.

Recorra-se, aqui, a um trecho de *La Nouvelle Justine*, de Sade, no qual se encontra uma descrição do excesso como princípio gerador do mal. É o momento em que o naturalista Almaní explica ao monge libertino Jérôme as razões que o levam a praticar toda espécie de ação destrutiva:

[...] O motivo por que me entrego ao mal nasceu do profundo estudo que fiz da natureza. Quanto mais procurei surpreender os segredos dela, mais pude vê-la unicamente ocupada em prejudicar os homens. Segui-a em todas as suas operações: só a encontrareis voraz, destruidora e má; jamais outra coisa senão inconseqüente, contrariante e devastadora. Lançai os olhos, por um momento, sobre a imensidão dos males que sua mão infernal espalha sobre nós. De que serviu nos ter criado para nos tornar tão infelizes? Por que nosso triste indivíduo, como todos aqueles que ela gera, sai de seu laboratório tão repleto de imperfeições? Não vos parece que sua arte assassina só quis formar vítimas... Que o mal seja seu único elemento e que ela é unicamente dotada da faculdade criadora para

²⁴ BATAILLE. L'Érotisme, p. 29, tradução nossa.

²⁵ BATAILLE. L'Érotisme, p. 17, tradução nossa.

cobrir a terra de sangue, de lágrimas e de luto? Que só gasta sua energia para estender suas calamidades?²⁶

Aqui, o princípio gerador é representado pela natureza que explicita o excesso como agente maior de destruição. O excesso gerador adquire, assim, num sentido oposto ao de Plotino, um caráter maligno. O mal deixa de ser um efeito exclusivo das criaturas que se desviam do bem no mundo, para ser assumido universalmente como vontade incontornável (e incontrollável) de excesso. Ademais, a finalidade da natureza é “unicamente prejudicar os homens”, porque o mal é “seu único elemento”. Entendido na perspectiva de seus efeitos, o mal é atualização plena da potência do excesso, qualificando a chance de azar, *malchance*, para aqueles que servem de vítimas. Como a prática do mal implica a transgressão de limites, o movimento que o desencadeia corresponde à vontade de excesso, concebida em toda a sua extensão e intensidade.

É certo que em Sade a natureza ocupa o lugar de Deus, tanto para comprovar a impotência d’Este diante dos flagelos humanos, quanto para enfatizar sua inferioridade, o que pode ser traduzido em termos de uma sem razão superabundante do excesso que só gera para destruir e “só gasta sua energia para estender suas calamidades”. Ou, como diz Bataille: “o sistema de Sade é a forma ruínosa do erotismo”.²⁷ O sentido do mal, assim, corresponde a seu efeito de destruição nos seres, quando a chance, pela vontade de excesso, é sobrepujada pela má sorte (*malchance*), dando ocasião aos “infortúnios da virtude”, que Sade introduz com seu habitual toque de ironia, tão corrosivo quanto eficaz cuja demonstração sistemática é feita em toda a sua obra.

Mas, em si mesma, a superabundância não introduz qualquer moral. Ela é simplesmente efeito da vontade de potência nos seres, levando-os à plenitude, isto é, a um sentido de intensidade máxima e de afirmação da vida até na morte. Por força do excesso, no entanto, o que é pleno e desmedido em intensidade no mundo dos seres invariavelmente deteriora-se, colocando-se na “zona da morte” da consumação, dos outros e de si mesmo, a hipermoral de que fala Bataille. A superabundância é a condição primeira da potência, o que faz dela o que é. Seria inconcebível, pois, que a potência faltasse a si mesma: a potência é potência até para não gerar, permanecendo em si mesma como impotência, *adynamía*. É

²⁶ SADE. *La Nouvelle Justine*, p. 479-480, tradução nossa.

²⁷ BATAILLE. *L’Érotisme*, p. 170, tradução nossa.

o que afirma Agamben, interpretando esta frase de Aristóteles: “O que é potente pode tanto ser como não ser. Posto que o mesmo é potente tanto de ser quanto de não ser”.²⁸

O primado do gasto ou da perda, assim, não é outro senão o movimento do excesso gerador no plano material dos seres, seu efeito imediato e limitante. Na estrutura dos seres, o que gera se desgasta, a superabundância degenera em falta, a vida exuberante definha.

Dois provérbios de William Blake: “Exuberance is Beauty”; “Enough! or Too much”.²⁹

No primeiro, a beleza identifica-se com a exuberância; no segundo, o “suficiente” distingue-se do “demasiado”. Ora, é na exuberância que a beleza revela sua vontade de excesso. Nesse aspecto, a beleza confere a este a poderosa imagem de algo que não se pode apanhar como um objeto. Mas ela é também o signo irradiante do que degenera, corrompe-se, como efeito imediato da consumação. A beleza é o começo do que se conhecerá depois como horror, mas ela oculta este efeito enquanto permanece beleza, isto é, enquanto não é consumada inteiramente pelo excesso: os poderes da ruína desintegram seu ideal homogêneo.

Os provérbios de Blake têm relação com o mal e podem ser lidos na mesma chave de seu contemporâneo Sade: gerar é o mesmo que destruir, pois do ponto de vista da vontade de excesso não há diferença entre o bem e o mal. Não é à toa que Blake denomina estes textos de “Proverbs of Hell”.³⁰ O problema para o mundo da razão homogênea é que, sendo autossuficiente, o princípio gerador coloca o homem na perspectiva da vontade de excesso, dando ocasião a toda sorte de catástrofe. Assim, o mal absoluto só pode ser visto como a mancha em torno da qual toda moral se constrói; se ele representa a potência do excesso, só faz sentido como algo exterior às instituições, mas que projeta sua sombra no jogo do interdito e da transgressão. É por isso que, para Bataille, a literatura é “culpada”,³¹ tomando parte nesse jogo e animando seu movimento, já que o universo da linguagem consiste no espaço de toda representação possível daquilo que a razão homogênea qualifica de maligno. Em sua

²⁸ AGAMBEN. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*, p. 51.

²⁹ “Exuberância é Beleza”; “Suficiente! ou Demasiado”. BLAKE. *O matrimônio do céu e do inferno*, p.19.

³⁰ “Provérbios do Inferno”. BLAKE. *O matrimônio do céu e do inferno*, p.16.

³¹ BATAILLE. *La Littérature et le mal*, p. 172, tradução nossa.

operação soberana, a literatura vai ao extremo do possível, colocando-se contra a razão homogênea, isto é, implicando o mal como sua verdade intrínseca e se apresentando como não-saber e violência. Não há como em todas as circunstâncias da vida evitar a exigência deste duplo-movimento. Daí a dificuldade de o indivíduo colocar-se o tempo todo dentro dos limites fixados pelo mundo homogêneo. Ao entrar na via soberana da experiência, deixando-se levar pelas exigências de excesso e pelas demandas de gasto, o homem é deslocado imediatamente para fora da esfera das instituições reguladas pela razão homogênea. No extremo dessa operação, ele é inteiramente absorvido pelas forças heterogêneas e perde-se na experiência da consumação, a qual é soberana por recusar os valores do mundo homogêneo, e, no limite, afirmar-se em pura perda: “O cume responde ao excesso, à exuberância das forças. Ele leva ao máximo a intensidade trágica. Ele se liga aos gastos desmedidos de energia, à violação da integridade dos seres. Ele é, portanto, mais vizinho do mal que do bem”.³²

Eis o sentido de intensidade trágica do corpo soberano. Como nesse movimento o corpo vai ao extremo do possível, ele excede e é excedido, defrontando-se com a própria ruína. Assim, nos termos da economia geral de Bataille (baseada no dispêndio e não em seu controle), a negatividade sem emprego precipita as condutas que perseveram na inoperância e representam o mal. No mundo dos seres, o ato dispendioso é repetição e, com ela, vem o desgaste: efeito que acomete os seres e a própria linguagem: falta, degenerescência, aniquilamento. Por isso, o mundo homogêneo quer banir as atividades improdutivas que se colocam na via de excesso sob o princípio da perda, confinando-as em espaços de exceção, como a igreja, a prisão, o hospício, já que não há modo de erradicá-las. O mundo homogêneo quer controlar o gasto desenfreado, tornando o erotismo (excesso de corpo), a loucura (excesso de razão), a poesia (excesso de sentido) e seus efeitos, a violência, a morte, eventos anódinos. Como à razão homogênea interessa mais o trabalho e menos o jogo, menos a poesia e mais o discurso, mais a lógica e menos a paixão, o tempo organizado torna-se tempo ganho; o tempo inoperante, tempo perdido; o futuro, garantia no presente. Em compensação, o tempo futuro descola-se do presente, perdendo a relação imediata com a vida, mostrando-se dimensão gregária, voltada para projetos de conquistas em

³² BATAILLE. Sur Nietzsche, p. 42, tradução nossa.

longo prazo e prêmios distantes, em troca da aposta num controle do dia a dia, o mais planejado possível, isto é, evitando a imprevisibilidade do instante, que pode surpreender sempre. Em Bataille, o instante implica o poder de arrebatamento da chance, abrindo uma fenda, *fêlure*, através da qual as forças da violência e da ignorância se expressam em nome da vontade de excesso. Por isso, a razão homogênea quer se apropriar ao máximo da chance, este acontecimento incalculável e desconhecido das finalidades produtivas dentro de uma lógica de desempenho e de utopia em uma felicidade planejada. Nesse ponto, o sentido de homogeneidade se suspende, as forças heterogêneas se impõem. “Neste instante e até aqui”, como diz Bataille, é o que caracteriza a transgressão,³³ implicando a chance como agente do excesso no mundo dos seres e da linguagem.

Com efeito, a descontinuidade é a marca dos seres; ferida aberta no sujeito, representando uma dupla ruptura: a primeira refere-se ao nascimento e está ligada à sexualidade, a segunda relaciona-se com a morte. Perseverando no excesso, os seres consumam-se na perspectiva da continuidade, tal o sentido do erotismo, em Bataille, sempre entendido na relação com a morte; a fusão erótica dos corpos, visando à continuidade, também implica àquela, explicitando o gozo e a perda como efeitos da experiência erótica. Eis o que decorre no mundo dos seres e coisas como efeito de economia geral, aquela que, invertendo o paradigma do controle, baseia-se na supremacia do dispêndio sobre a produção. A suficiência da produção leva à superabundância, e superabundância é excesso, movimento de forças heterogêneas o qual, desviando-se do trabalho, desemboca na experiência da consumação de si. Em Bataille, só a soberania da experiência desperta no sujeito o sentimento da continuidade.

A consumação é a via da experiência (do erotismo, do sacrifício, da festa, da poesia, do êxtase), portanto, das operações soberanas do gasto. Por isso, segundo Blake, “a Prudência é uma rica, feia e velha donzela cortejada pela Impotência”.³⁴ O mundo homogêneo pode assim ser caracterizado; nele, a prudência corrobora a força que coíbe a violência da transgressão, potência do excesso. Mas o princípio do excesso gerador age justamente a partir de um limite, não suporta a contenção: “a cisterna

³³ BATAILLE. *L'Érotisme*, p. 172, tradução nossa.

³⁴ BLAKE. *O matrimônio do céu e do inferno*, p. 16.

contém: a fonte transborda”³⁵ diz este outro aforismo de Blake. Por esta razão, o mundo do trabalho produtivo opõe-se a toda superabundância: “portanto, o que significa a reflexão do homem sobre si e sobre o ser em geral, se ela é estranha aos estados de emoção mais intensos?”³⁶ A experiência é um acontecimento que não se pode calcular “na soma dos possíveis” da filosofia: a experiência abre para o não-saber e se comunica com o impossível. A filosofia, ao se debruçar sobre a experiência, separa-se dela (como acontece em Hegel), porque invariavelmente a toma como um objeto. Com isso a filosofia “não sai de si mesma”. A experiência, por sua autoridade e método, excede a relação sujeito-objeto que está na base do conhecimento. Vontade de excesso, a experiência se faz na imediaticidade. Seu tempo é o do *instante*, próprio da consumação, ao contrário da perspectiva do futuro e da ideia de projeto exigidos conforme os paradigmas tradicionais do conhecimento. Por isso, afirma Bataille: “no espírito de Hegel, o que é imediato é mal e Hegel certamente teria ligado o que chamo de experiência ao imediato”³⁷.

Blake comenta a relação entre o excesso e o conhecimento: “os tigres da ira são mais sábios que os cavalos da instrução”:³⁸ a ignorância como forma de saber, relacionando a ideia de limite, do que é suficiente, ao sentido de superação: “jamais saberás o que é suficiente, se não souberes o que é mais que suficiente”³⁹. O par violência e ignorância reflete-se na reação irada contra os dispositivos da “instrução”, sua ânsia de esclarecimento, afirmando a superabundância como condição da potência do excesso. O suficiente é a medida da razão homogênea, implicando a produção e o controle do dispêndio. O medo do excesso e do gasto desenfreado, no entanto, resolve-se na cultura por aquilo que Bataille denomina de o jogo da interdição e da transgressão.⁴⁰ É assim que a vida manca diz respeito às disposições para o mal na literatura, por isso mesmo considerada culpada; a literatura, que encontra nessas disposições sua essencialidade. Ela é isso mesmo, como afirma Bataille. Ou não é nada.

³⁵ BLAKE. *O matrimônio do céu e do inferno*, p. 18.

³⁶ BATAILLE. *L'Érotisme*, p. 248, tradução nossa.

³⁷ BATAILLE. *L'Érotisme*, p. 249, tradução nossa.

³⁸ BLAKE. *O matrimônio do céu e do inferno*, p. 18.

³⁹ BLAKE. *O matrimônio do céu e do inferno*, p.18.

⁴⁰ BATAILLE. *L'Érotisme*, p. 66-67.

Referências

AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BATAILLE, Georges. L'anus solaire. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970. v. 1, p. 79-86.

BATAILLE, Georges. L'Expérience intérieure. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970. v. 5, p. 7-181.

BATAILLE, Georges. Le Petit. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1971. v. 3., p. 33-70.

BATAILLE, Georges. Sur Nietzsche. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1973. v. 6, p. 7-205.

BATAILLE, Georges. La Part maudite. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1976. v.7, p. 17-179.

BATAILLE, Georges. La Littérature et le mal. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1979. v. 9, p. 169-316.

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BATAILLE, Georges. L'Érotisme. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1987. v. 10, p.7-270.

BLAKE, William. *O matrimônio do céu e do inferno: o livro de Thel*. Tradução de José Antônio Arantes. São Paulo: Iluminuras, 1987.

CASA DA CIÊNCIA DO HEMOCENTRO DE RIBEIRÃO PRETO. Extremófilos: vivendo no limite. *Jornal das Ciências*, Ribeirão Preto, n. 23, Ano 13, p. 2-3, set. 2013. Disponível em: <<http://ead.hemocentro.fmrp.usp.br/joomla/index.php/publicacoes/jornal-das-ciencias/525-jornal-das-ciencias-numero-23>>. Acesso em:

KLOSSOWSKI, P. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

PLOTIN. *Ennéades: tome V*. Trad. Émile Bréhier. Paris: Société d'Édition, Les Belles Lettres, 1960.

PLOTINO. *Tratado das Enéadas*. São Paulo: Polar Editorial, 2002.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*, v. IV. Tradução de Marcelo Perine e Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SADE, Donatien Alphonse François de. *La Nouvelle Justine*. Paris: Union générale d'éditions, 1978. v. 2.

SASSO, Robert. *Georges Bataille: le système du non-savoir*. Paris: Les éditions de minuit, 1978.